



O Naturalista Goethe¹

Der Naturforscher Goethe

Ernst Cassirer

Tradução de Renato Costa Leandro

Resumo

Trata-se da tradução de um breve artigo de Ernst Cassirer, publicado em 1932, no qual o autor aproxima o ímpeto poético e científico de Goethe a partir da noção de força espiritual e do protagonismo da imaginação como categoria central para ambas as atividades.

Abstract

This is a translation of a short article by Ernst Cassirer, published in 1932, in which the author draws a parallel between Goethe's poetic and scientific impulses, grounded in the notion of spiritual force and the pivotal role of imagination as a central category for both activities.

Palavras-chave

Cassirer, Goethe, Filosofia, Estética, Natureza, Imaginação.

Key-words

Cassirer, Goethe, Philosophy, Aesthetics, Nature, Imagination.

DOI: <https://doi.org/10.53000/simbolica.v1i00.5436>

Para fazer justiça a Goethe como pesquisador da natureza, é preciso, antes de tudo, libertar-se da concepção de que suas realizações no campo das ciências naturais constituem apenas um *recorte* estreitamente limitado, uma obra secundária e exterior de sua existência e de sua atuação como um todo. Goethe lutou com essa concepção durante toda a sua vida; mas sempre a rejeitou energeticamente tão logo com ela se confrontava. Ele sentia e sabia que se tratava de um campo central de sua produção; ele não traçou uma linha divisória nítida entre sua atividade artística e científica. Pois estava ciente de que ambas provinham da *mesma* força espiritual e eram constantemente nutridas por ela. “Não se pode pensar em um naturalista verdadeiramente grande”, disse ele uma vez a Eckermann,

que não possua esse elevado dom [da imaginação]. Mas não tenho em mente uma imaginação que se perde no vago e fantasia coisas inexistentes; tenho em mente uma imaginação que jamais abandona o solo da realidade terrena e, tomando

¹ CASSIRER, E. “Der Naturforscher Goethe”. In: Ernst Cassirer Gesammelte Werke, ed. Birgit Recki. Vol. 18, Hamburgo: Meiner, 2004, p. 437-441.

como medida o que é real e conhecido, avança na direção de outras coisas que intui e conjectura. [...] É claro, porém, que tal imaginação pressupõe uma mente aberta e serena, dotada de uma vasta visão do mundo vivente e de suas leis e mandamentos (Eckermann, 2016, p. 664).²

Nessas palavras está a chave para tudo o que Goethe realizou no campo das ciências naturais. Ele não apenas enriqueceu esse campo com resultados importantes e novos pontos de vista metodológicos, como também realçou, em seu íntimo, uma força que, nessa plenitude e intensidade, dificilmente havia se manifestado antes. E essa força não está simplesmente *ao lado* da força poética de Goethe, mas intrinsecamente relacionada a ela. A “fantasia para a verdade do real” (Eckermann, 2016, p. 169),³ que Goethe concede a si como poeta, foi também o que lhe tornou acessível o reino da natureza e o fez apropriar-se dele em toda a riqueza de suas formas.⁴ Para ele, estava claro que toda forma só pode ser pensada e compreendida como forma *viva*, e que o mundo das formas, em sua unidade e plenitude, só se revela àquele que é capaz de adentrar nessa plenitude e recriá-la internamente em si mesmo. Essa recriação jamais pode ser obra do mero entendimento: ela requer uma força formadora [*bildende*] e configuradora [*gestaltende*], verdadeiramente sintética. E Goethe via essa síntese, essencial tanto para a pesquisa quanto para a criação [*Gestaltung*] artística, como fundamentada na *imaginação* e nela resolvida. Tudo o que chamamos de invenção e descoberta, no sentido mais elevado, era para ele o exercício significativo e a atividade de um sentimento original de verdade, que, formado silenciosamente há muito tempo, conduz de repente, com a rapidez de um relâmpago, a um conhecimento fecundo. “É uma revelação que se desenvolve do interior para o exterior, que permite aos seres humanos pressentir sua semelhança com o divino. É uma síntese entre o mundo e o espírito, que oferece a mais bem-aventurada certeza da eterna harmonia da existência” (Goethe, 1907, p. 122).⁵

Não iremos desenvolver aqui o modo como essa revelação se manifesta na poesia de Goethe, nem como ela torna acessível um novo núcleo e um novo sentido da existência. Também na poesia valia para Goethe o princípio de que o mais elevado que se poderia e deveria exigir do gênio era o *amor à verdade*. Mesmo o véu da poesia ele não podia, nem queria receber de outra mão senão da mão da verdade. Pois, para ele, também na criação artística, nada era válido se fosse meramente “imaginado” ou “inventado”; para ele, o conteúdo

² Goethe a J. P. Eckermann, 27 de janeiro de 1830.

³ Goethe a J. P. Eckermann, 25 de dezembro de 1825.

⁴ O termo “forma” é, em geral, traduzido do alemão *Form*. Casos excepcionais serão indicados no corpo do texto.

⁵ Máxima nº. 562.

poético não era outra coisa senão o conteúdo da própria vida – um conteúdo que não se envolvia em uma forma poética como um mero invólucro, mas que dela necessitava para, nela e por meio dela, tornar-se consciente e presente a si mesmo, para compreender-se em sua essência pura. A tentativa de penetrar na essência da natureza segue, em Goethe, o mesmo caminho. Também aqui lhe está claro que não nos aproximamos da essência da natureza se tentarmos decompor analiticamente suas formas [*Gestaltungen*] em suas partes ou reduzi-las a meros conceitos, classes e espécies. Assim como a intuição artística, também a intuição da natureza deve proceder *geneticamente*. Ela não deve se contentar com uma visão geral do que existe, mas deve penetrar na própria lei do devir; não pode deter-se no que *já se tornou*, mas deve tornar visíveis o *processo* do vir-a-ser e sua lei interna. Novamente, revela-se aqui a afinidade interna e necessária entre a atividade do pesquisador e do artista. Como poeta, Goethe se opõe repetidamente a um tipo de exposição do ser humano que acredita tê-lo reconhecido e descrito ao designar-lhe uma única “característica” ou ao reduzi-lo a uma soma de meras características ou propriedades de caráter. Um tal isolamento do procedimento lhe parecia arbitrário, sem vida e contrário à arte. O que Goethe exigia da exposição dos seres humanos – e o que praticou com maestria absolutamente inigualável em *Werther*, *Tasso*, *As afinidades eletivas* e *Wilhelm Meister* – era a arte de descrever as paixões em sua “sutil afinidade química”, “pela qual elas se atraem e se repelem, se unem, se neutralizam, novamente se separam e se recombina” (WA, 4, XIV, p. 204).⁶ Aplicado à natureza, esse procedimento significa que também aqui não devemos nos contentar em vê-la como uma mera soma de substâncias [*Stoffen*], que podemos identificar por suas propriedades e agrupar sob determinadas classes. Mesmo a verdadeira experiência da natureza só é concedida àquele que se aprofunda em todas as transições finas e sutis da vida – àquele que deixa desfilar diante de si as séries do vivente e descobre, em todas elas, não uma identidade rígida, uma igualdade da forma, mas sim a mesma lei secreta da *formação da forma* [*Formbildung*], da configuração [*Gestaltung*] e da transformação [*Umgestaltung*]. A partir dessa intuição, Goethe desenvolveu a *ideia de metamorfose*. O que ele esperava dessa ideia – tanto para si mesmo quanto para a observação da natureza como um todo – e o que nela louvava, era isto: que, por meio dela, se pudesse ser conduzido de maneira próspera por todo o círculo labiríntico do compreensível, até que se chegasse ao limite do incompreensível, diante do qual é preciso ter modéstia. O “incompreensível”: para Goethe, isso era, e permaneceu sendo, o amorfo [*Gestaltlose*]; por outro lado, o mundo das formas [*Gestalten*] só se tornava compreensível e familiar para ele quando era capaz de vê-lo não como mero resultado, mas como processo – não como algo

⁶ Carta de Goethe a Friedrich Schiller, 23 de outubro de 1799.

pronto e acabado [*Gewordenes*], mas como algo em devir, em meio ao movimento de vir-a-ser e de engendrar. E esse ponto de vista característico, que Goethe conquistou para si mesmo e para o conhecimento biológico, não lhe podia ser dado por outra força senão pela da fantasia. A fantasia, em sua plasticidade interior – a “sempre móvel, sempre nova e estranha filha de Jove” (Goethe, 2022, p. 61),⁷ como ele a chamou –, abriu-lhe o sentido para a vida e para a abundante plenitude da natureza; e, em virtude disso, ele acreditava com convicção que, na natureza, não há nada “dentro” nem nada “fora”, mas que o mundo “interior”, tanto quanto o “exterior”, obedecem à mesma lei e só podem ser compreendidos juntos e um por meio do outro.

Também as realizações de Goethe no campo da *óptica* apresentam essa mesma característica fundamental. Pois, também aqui, não se tratava, para Goethe, de descrever, registrar e explicar os fenômenos da cor como fenômenos isolados. O que ele queria oferecer era o “mundo do olho” (WA, 4, XI, p. 264)⁸ como um mundo fechado em si, como um todo específico. E, para isso, ele teve de regressar à verdadeira e basilar fonte das cores, à sua “origem”. Essa origem ele encontrou na luz: e sua tarefa, a partir de então, não consistia em fornecer uma “explicação” físico-matemática da luz, mas em desenvolvê-la no conjunto de seus fenômenos, na totalidade de suas manifestações. É altamente significativo que Goethe, também nesse caso, recorra à sua intuição fundamental do ser humano para a sua concepção e abordagem em relação às cores. Descrever o caráter de um ser humano – tal como ele explicou na *Doutrina das cores* – é, no fundo, um esforço em vão; em vez disso, devemos reunir suas ações, seus feitos, e então uma imagem do caráter se revelará diante de nós. Nesse mesmo sentido, Goethe não deseja averiguar a “essência” da cor, nem oferecer uma teoria física de sua origem, tampouco obter uma fórmula matemática para ela. Ele não vê nas cores nada além – e não busca nelas nada mais – do que “os feitos e as paixões [da luz]” (WA, 2, I, p. IX);⁹ mas ele não quer apenas acompanhar historicamente esses feitos e paixões, ele deseja tornar visível como uma lei comum da formação [*Gestaltung*] atua em todas elas. Assim, por uma necessidade interna de sua natureza, Goethe teve de seguir um caminho diferente daquele trilhado por Newton e pela física teórica que o sucedeu. Mas, mesmo que hoje não possamos mais seguir sua crítica a Newton, mesmo que a parte puramente

⁷ Trata-se de um trecho do poema de Goethe intitulado *A minha deusa*: “Qual das Imortais / Merece o mais alto prêmio? / Com ninguém disputo, / Mas a quem o dou / É à sempre móvel, / Sempre nova, / Estranha filha de Jove, / À filha sua diletta, / À Fantasia [...]”. Cabe notar que o termo “fantasia” (*Phantasie*) não é equivalente direto do termo “imaginação” (*Einbildungskraft*). Eles assumem especificidades no interior dos pensamentos de Goethe e Cassirer, e, por se tratar de uma discussão central em ambos os autores, devem ser considerados com a devida atenção e mediação.

⁸ Carta de Goethe a Friedrich Schiller, 15 de novembro de 1796.

⁹ Goethe, “Doutrina das cores”, Parte didática.

polêmica da Doutrina das cores tenha, para nós, apenas um interesse histórico e biográfico, a doutrina das cores *como um todo* não está, sob nenhum aspecto, ultrapassada ou superada. Pois também nela Goethe chegou a conclusões completamente novas e decisivas. Ele contrapôs à óptica física a “óptica fisiológica” – foi ele quem, de fato, descobriu o “ver sob o ponto de vista subjetivo” (WA, 2, XI, p. 269-284)¹⁰ como um novo campo da investigação científica, e foi o primeiro a estabelecer as leis fundamentais dessa área.

Referências

ECKERMANN, J. P. Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida. Tradução de Mario Luiz Frungillo. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

GEIGER, L. (Hrsg.). Zehnter Jahresbericht der Goethe-Gesellschaft. In: Goethe-Jahrbuch, v. 16. Frankfurt am Main: Rütten & Loening, 1895, p. 1–74.

GOETHE, J. W. v. Goethes Werke. (= WA). Hrsg. im Auftrage der Großherzogin Sophie von Sachsen. 4 Abt., 133 Bde. in 143 Bdn. Weimar: Böhlau, 1887–1919.

_____. Maximen und Reflexionen. Nach den Handschriften des Goethe- und Schiller-Archivs. Hrsg. von Max Hecker. (Schriften der Goethe-Gesellschaft, Bd. 21). Weimar: Verlag der Goethe-Gesellschaft, 1907.

_____. Poemas. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2022.
KANT, I. Crítica da faculdade de julgar. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016.

Sobre o tradutor

Renato Costa Leandro

Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP).

<https://orcid.org/0000-0003-1284-1045>
renatocleandro@outlook.com

Recebido em: 17 de setembro de 2025.

Aprovado em: 10 de fevereiro de 2026.

¹⁰ Cassirer se refere ao ensaio de Goethe intitulado *Das Sehen in subjectiver Hinsicht, von Purkinje*. In: WA, 2, XI, p. 269-284.